

ESTRUTURAÇÃO DE APLICAÇÃO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

¹ Elaine Julio

¹ Kelly Santos

¹ Suelen Morais

^{1,2} Antonio Faria Neto

¹ UNESP – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá

² UNITAU – Universidade de Taubaté – Mestrado Profissional em Engenharia Mecânica

RESUMO

A técnica de Análise de Conteúdo se vale da inferência e da interpretação para obter informações relevantes contidas em documentos, constitui-se em um conjunto de técnicas cujo objetivo é descrever o conteúdo emitido em um processo de comunicação a fim de levantar indicadores qualitativos ou quantitativos. Foi sistematizado na primeira metade do século XX e a princípio foi importante ferramenta na busca dos sentidos dos artigos e propagandas da imprensa escrita nos Estados Unidos, uma técnica que vem demonstrando capacidade de adaptação aos novos desafios de uma sociedade emergente. A Análise de Conteúdo é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores permitindo a realização de inferência de conhecimentos. Este artigo proporciona a compreensão inicial, traz um breve histórico e algumas técnicas utilizadas, bem como, a estruturação para a aplicação em um determinado exemplo. Conclui-se que atualmente é impossível ignorar a Análise de Conteúdo.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo; Análise Qualitativa; Caso Exemplo; Entrevista, Roteiro.

ABSTRACT

The Content Analysis technique relies on inference and interpretation to obtain relevant information contained in documents, it consists on a set of techniques whose purpose is to describe the content emitted in a communication process in order to raise qualitative or quantitative indicators. This technique was systematized in the first half of the twentieth century and it was initially an important tool in the search for the meanings of articles and advertisements of the written press in the United States, this technique has demonstrated its ability to adapt to the new challenges of an emerging society. The Content Analysis is composed of systematic procedures that provide the survey of indicators allowing the accomplishment of inference of knowledge. This article provides the initial understanding, presents a brief history and some techniques used, as well as, structuring for the application in a given example. It concludes that it is currently impossible to ignore the Content Analysis

Keywords: Content Analysis; Qualitative Analysis; Example Case; Interview, Screenplay.

1. INTRODUÇÃO

A Análise de conteúdo (AC) é considerada uma técnica que avalia quantitativamente e qualitativamente o conteúdo de mensagens, textos, entrevistas, vídeos, etc. É um conjunto de técnicas que podem ser abordadas pelos pesquisadores e, obviamente produzirá resultados diferentes dependendo da técnica adotada, podem ser sintetizadas como análise temática ou categorial, análise de avaliação ou representacional, análise de enunciação, análise da expressão, análise das relações ou associações, análise do discurso, análise léxica ou sintática, análise transversal ou longitudinal, análise do geral para o particular, análise do particular para o geral, análise segundo o tipo de relação mantida com o objeto estudado, análise dimensional, análise de dupla categorização em quadro de dupla entrada, dentre outras. Seu objetivo é o entendimento da dinâmica do indivíduo, partindo dos significados dos fatos vivenciados, classifica os dados em temas ou categorias que auxiliam na compreensão do que está por trás do discurso (CÂMARA, 2013).

A AC alcançou popularidade a partir de Bardin (1977) que refere-se à AC como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e é aplicada a discursos diversificados. No início de sua aplicação, a objetividade era perseguida com empenho e aos poucos foi interessando pesquisadores de diversas áreas. A técnica compreende três etapas que embora com terminologias diferentes, pela diversidade de autores, são semelhantes, sendo elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A relevância do tema em questão, ou seja, as técnicas da AC são cada vez maiores e têm evoluído na última década em virtude da preocupação com o rigor científico e a profundidade das pesquisas. Um levantamento bibliográfico realizado na base de dados Scopus apontou um total de 28.821 artigos nos últimos sete anos e revelou uma crescente evolução sobre o tema. Pode-se computar no ano de 2010 um total de 2528 artigos e em 2016 o dobro deste valor que totalizou 5133 artigos.

De forma mais pontual justifica-se o presente artigo pelo fato de encontrar-se um elevado número de evidências empíricas sobre a aplicação do tema, entretanto existe uma lacuna com relação ao desenvolvimento e aplicação efetiva da AC, isto é, faltam publicações quanto como utilizar esta técnica seguindo os passos para uma análise de conteúdo relevante.

Tendo a aplicação das técnicas da AC como objeto de estudo, a perspectiva sobre o assunto será destacada neste estudo, suas potencialidades e limitações relacionadas a aplicação da técnica. Com isso, o objetivo deste artigo é evidenciar o passo-a-passo da AC.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Em uma pesquisa pode-se optar por um método qualitativo, quantitativo ou misto, entretanto, os dados que advêm de pesquisas de abordagem qualitativa, precisam ser analisados, de forma diferente dos dados provenientes de estudos de abordagem quantitativa, que atualmente sofrem influências tecnológicas pelo uso de software, assim, a AC, como técnica de análise e organização dos dados está atingindo novas possibilidades e vem ganhando legitimidade (SILVA et al., 2013).

Inicialmente far-se-á uma breve abordagem do que se entende por AC, suas etapas, sua aplicação e participação das tecnologias da informação para facilitar a análise e seu comportamento relacionado com análises quantitativas e qualitativas.

2.1. Aspectos Históricos da Análise de Conteúdo

AC é uma técnica das Ciências Humanas e Sociais destinada à investigação de fenômenos simbólicos por meio de técnicas de pesquisa que são adaptadas e em contínua melhoria, utilizada desde as primeiras tentativas da humanidade para responder à indagação, como por exemplo: o que essa mensagem significa? Surge para interpretar, decodificar símbolos, sinais e mensagens dos livros sagrados, tendo sido sistematizada como método apenas no início do século XX (SILVA; GOBBI; SIMÃO, 2005).

Apesar de precedentes históricos, foi com o advento da Primeira Guerra mundial, em 1927 que Harold Laswell começou a trabalhar com a AC, o interesse voltou-se ao estudo das propagandas subversivas. Destaca-se também a ruptura, ainda existente nesta época, entre a linguística e a AC, por mais que utilizassem o mesmo objeto de interesse, tais ciências se davam às costas e se ocupavam cada qual com sua visão específica (Duarte, 2005).

Bardin (1977) apresentou a primeira obra com grande expressividade na qual a técnica e seus princípios foram detalhados, servindo de orientação e principal referência sobre o assunto atualmente.

Mozzato e Grzybovski (2011) diz que na busca pela cientificidade e pela objetividade, própria da época histórica, primeiramente a AC mostrou-se com enfoque quantitativo, onde se analisava as mensagens calculando as frequências de palavras utilizadas. Embora, logo essa tendência migrou para as análises qualitativas, possibilitando que o método fosse utilizado em ambas as abordagens, até mesmo, concomitantemente.

Como afirma Flick (2009), “a interpretação de dados é a essência da pesquisa qualitativa, contudo, nas diversas abordagens sua importância é tida de forma diferenciada”. Fazendo uso das palavras de Bardin (2006), que “a análise de conteúdo é uma técnica que pode ser aplicada tanto em pesquisas quantitativas como em qualitativa, mas com finalidades diferentes”.

No decorrer de século, a utilização desta técnica conquistou adeptos cuidadosos e críticos, onde surgiram debates e discussões a respeito de seu uso segundo as perspectivas quantitativas e as novas tendências, voltadas à procura dos conteúdos, numa visão qualitativa de pesquisa. As novas facilidades de acesso proporcionadas pelas Tecnologias da Informação e da própria informática trouxeram o desenvolvimento de programas computacionais específicos para verificar a frequência de ocorrência de palavras em determinado texto, vídeo ou até mesmo uma gravação de áudio (CAMPOS, 2004).

2.2. O Desenvolvimento da Técnica

Na visão de Krippendorff (1980), a AC possui atualmente três características fundamentais: (a) orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva; (b) transcendência das noções normais de conteúdo, envolvendo as ideias de mensagem, canal, comunicação e sistema; (c) metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar e avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultado.

As novas abordagens conceituais da AC referem-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, quanto dos manifestos, a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, pode ser definida como um conjunto de instrumentos com sequências metodológicas, em constante aperfeiçoamento. Em alguns cenários, como por exemplo, o político, a AC surge como técnica que se propõe à apreensão de uma realidade visível, mas também uma realidade invisível, que pode se manifestar apenas nas “entrelinhas”, com vários significados (CAMPOS, 2004).

Como afirma Chizzotti (2006), a AC objetiva compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, sendo elas explícitas ou ocultas. É um método, que exige disciplina, dedicação, paciência, tempo certo grau de intuição, imaginação, criatividade e conhecimento, principalmente para a definição das categorias de análise, pois, onde qualquer forma de documentação.

Faz-se relevante no processo de pesquisa certo grau de intuição, imaginação, criatividade e conhecimento, principalmente para definição das categorias de análise, permitindo que se promova uma análise adequada. Além de jamais esquecendo, do rigor e da ética, que são fatores fundamentais (FREITAS, CUNHA, & MOSCAROLA, 1997). Para Minayo (2001), a AC compreende-se muito mais como um conjunto de técnicas. Na visão da autora, atribui-se na análise de informações sobre o comportamento humano, possibilitando uma variada aplicação, e tem duas funções: verificação de hipóteses e/ou questões e desvendar o que está por trás dos conteúdos.

Nessa análise, o pesquisador busca entender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (CAVALCANTE; CALIXTO; KERR PINHEIRO, 2014).

Segundo Bardin (2006), a técnica da AC em seu entendimento inicial, consiste no tratamento da informação a partir de uma sequência específica de etapas que são: organização da análise, codificação, categorização, inferência e o tratamento informático. Apresenta-se na Figura 1 um esquema implementado pela autora para explicar e facilitar o desenvolvimento de uma análise com o uso das três etapas e suas subfases o qual chamou de Esquema de Bardin.

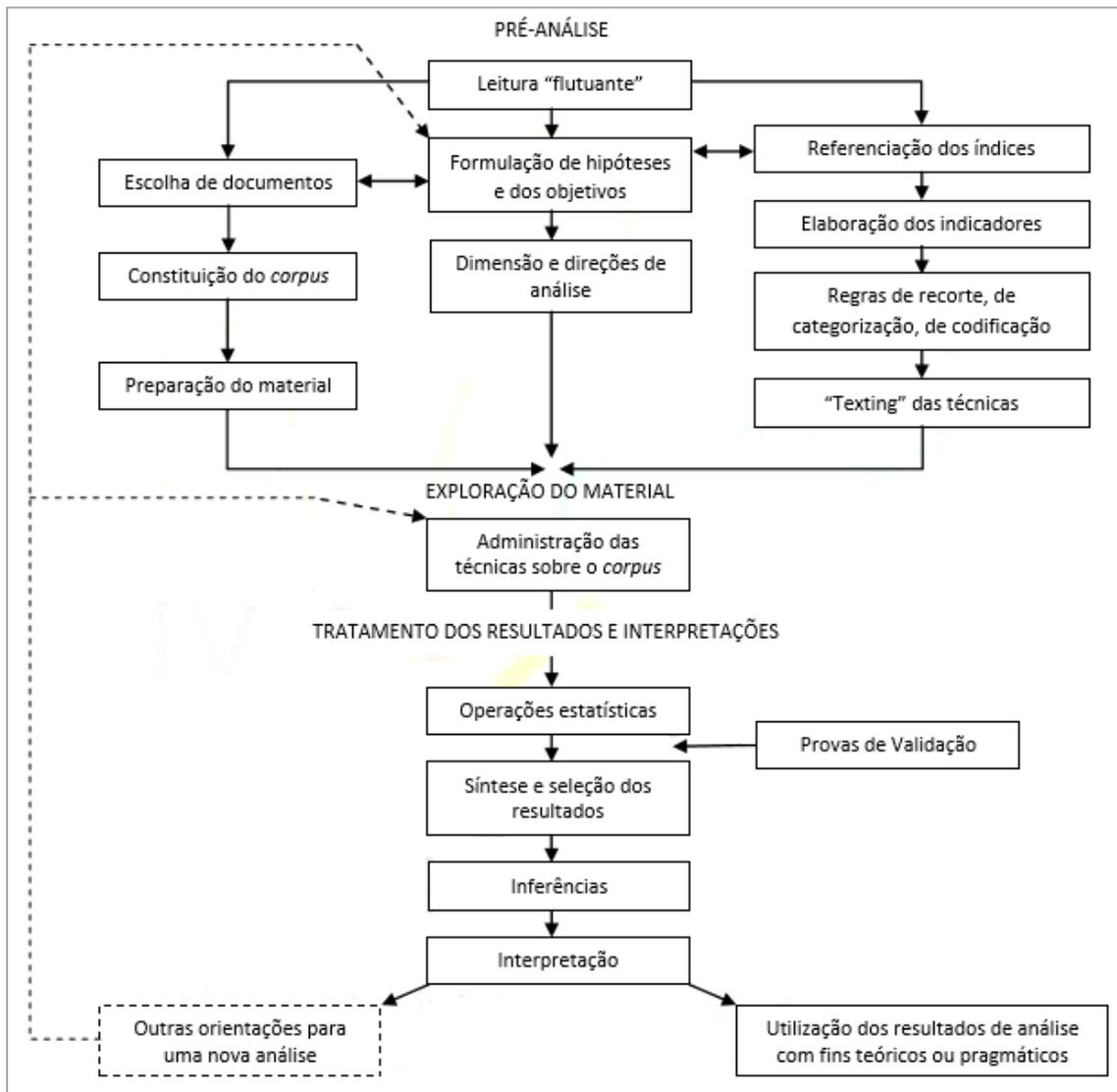


Figura 1 – Esquema de Bardin (Bardin, 1977).

Percebe-se, por meio da Figura 1, as três fases da AC (pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação) no esquema de Bardin e suas subfases que serão comentadas a seguir.

2.3. Fases da Análise de Conteúdo

Das fases citadas, a primeira fase é a de pré-análise, sendo considerada a mais importante, pois serve de base para as fases seguintes.

2.3.1. Fase de pré-análise

A fase da pré-análise visa ao planejamento da atividade a ser elaborada, escolhem-se os documentos, formula-se hipóteses e objetivos para a pesquisa. Esta fase apresenta subfases descritas por Bardin (1977,2011), sendo elas:

- a) Leitura flutuante que é o primeiro contato com os documentos, que podem ser conteúdo de mensagens, textos, entrevistas ou vídeos, que se deseja analisar;
- b) Escolha dos documentos que serão utilizados na análise, devem obedecer às seguintes regras para a constituição do *corpus*:
 - Regra da exaustividade, significa esgotar totalmente a comunicação sem omitir nada;
 - Regra da representatividade, a amostra dos documentos deve representar o universo que será analisado, sendo que a definição de seu tamanho pode depender de questões como recursos humanos, econômicos e temporais;
 - Regra da homogeneidade, os documentos devem pertencer ao mesmo assunto, ser da mesma natureza e do mesmo gênero;
 - Regra da pertinência, os documentos devem pertencer e adaptar-se ao objeto de estudo do conteúdo, o período de análise e maneira de realizar;
- c) Formulação de hipóteses e dos objetivos que servem de diretrizes para os pesquisadores e retorno aos primeiros questionamentos que devem ser formulados por meio da leitura exaustiva do material.
- d) Referenciação dos índices (assuntos tratados em um documento) e a elaboração de indicadores (medida que indica uma tendência), onde os assuntos que mais se repetem podem constituir o índice para o levantamento de indicadores;
- e) Preparação do material, que consiste em editar/organizar as entrevistas transcritas ou dos artigos recortados ou das questões anotadas em fichas, de modo que estejam compilados.

2.3.2. Fase de exploração do material

A segunda fase é a exploração do material, e consiste nas ações de codificação, categorização, desconto (deduzir, reduzir algo em comparação com o todo, descartar) e enumeração, onde se aplica a análise propriamente dita baseando-se em diretrizes formuladas previamente pelo pesquisador (MINAYO, 2007).

O objetivo da codificação é tratar os dados brutos e se tornar uma ligação significativa à teoria do pesquisador, onde se consegue adjetivar os trechos dos registros.

Para Bardin (1977) a definição para codificação é a transformação, por meio de recorte, agregação e enumeração, ao qual se representa as características do conteúdo.

Particularmente, na categorização se classifica e agrupa os registros em certas categorias, a fim de reduzir os registros com o objetivo de compreender a diversidade dos dados.

O uso de categorias na organização de conceitos e, em consequência, na elaboração de uma classificação é um recurso para o entendimento da natureza do conceito e para a formação das estruturas conceituais. As categorias possibilitam a sistematização do conhecimento (TRISTÃO, FACHIN, ALARCON, 2004).

Para uma boa categorização Bardin (1977) e de Câmara (2013) concordam em possuir as seguintes regras:

- a) **Exclusão mútua:** se um elemento é incluído em uma categoria, não pode estar presente em outra.
- b) **Homogeneidade:** devem ser incluídas no mesmo assunto, natureza e gênero.
- c) **Pertinência:** que as categorias sejam um reflexo de um mesmo universo.
- d) **Objetividade e fidelidade:** manter e ser fiel com o seu objetivo previamente proposto.
- e) **Produtividade:** o conjunto de categorias deve proporcionar novas inferências, dados e hipóteses.

Essa fase de exploração do material o pesquisador administra e aplica as decisões realizadas anteriormente.

2.3.3. Fase de tratamento dos resultados obtidos e interpretação

A terceira fase é o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, nesta etapa é onde os resultados obtidos por meio da segunda fase são trabalhados a fim de tornarem-se significativos e válidos, convergindo os resultados obtidos ao escopo teórico o que permite o pesquisador aproximar-se de conclusões, inferências e interpretações que levem ao progresso da pesquisa. Se necessário, pode-se utilizar operações estatísticas e ferramentas que sugiram inferências (BARDIN, 1977). A fim de ilustrar a aplicação desta técnica, será apresentado um caso exemplo.

3. CASO EXEMPLO

Atualmente há diversas redes sociais que são utilizadas globalmente, as dez maiores redes são *Facebook*, *WhatsApp*, *Facebook Messenger*, *Youtube*, *Wechat*, *QQ*, *Instagram*, *QZone*, *Tumblr* e *Twitter*. Dentre elas, destaca-se o Facebook sendo uma rede social global com mais de 1,9 bilhão de pessoas, o Twitter conta com quase 320 milhões de usuários, porém o uso da rede varia de acordo com o ambiente cultural (DRUM, 2017).

Como o objetivo deste estudo é um roteiro de como realizar a AC seguindo os passos descritos no item 2.2, propõe-se basear em uma matéria divulgada pelo jornal O Globo sobre uma pesquisa realizada pela Universidade *College London*, sendo o maior estudo antropológico já realizado sobre as redes sociais, onde ao longo de 15 meses uma equipe composta por nove pesquisadores observou, *in loco*, como habitantes de pequenas comunidades em oito países lidam com a tecnologia e se relacionam on-line, sendo possível a comparação do uso das redes sociais de diferentes formas. Foram estudadas localidades no Brasil, na Turquia, em Trinidad e Tobago, no Chile, na Itália, Índia e China (MATSUURA, 2016).

O Quadro 1 apresenta cinco trechos da entrevista publicada no jornal O Globo onde dois dos pesquisadores Miller e Spyer citam as experiências vivenciadas nas comunidades.

Quadro 1 - Trechos citados pelos pesquisadores

1	— Nós vemos afirmações generalizantes, de como o Twitter mudou a política, o Facebook mudou o nosso entendimento sobre amizade, mas será que isso funciona da mesma maneira para um profissional de TI na Índia ou um operário na China? Nós temos a responsabilidade de estudar — explica o coordenador do estudo, Daniel Miller. — As discussões sobre redes sociais são focadas em dados estatísticos, com análise de mensagens publicadas, mas é preciso conhecer as pessoas que fazem uso dessas redes.
2	— Conheci uma jovem de família evangélica que, no contexto da vila, em ocasião nenhuma conseguiria manter vínculo de amizade com uma pessoa do candomblé — observa Spyer. — Isso só foi possível porque ela conseguiu, usando o Facebook, gerir essas duas relações: manteve o vínculo com a família e com a igreja, que ela preza muito, e ao mesmo tempo começou a se relacionar com pessoas de outra religião.
3	— A evidência que eu trago da pesquisa é diferente: esses meninos e meninas leem e escrevem 24 horas por dia, trocando mensagens uns com os outros, e isso é um ganho de conhecimento sem precedentes naquela comunidade — diz Spyer. — E existe a preocupação de escrever corretamente, para não virar alvo de piadas. Então eles usam os corretores ortográficos ou recorrem ao Google para saber se uma palavra está certa.
4	— Na Índia, as castas têm papel central nas comunidades. Nós encontramos relatos de jovens que foram para a universidade e, lá, se relacionam com pessoas de outras castas. Mas como a mistura com outros grupos é malvista, eles criam dois perfis distintos nas redes sociais: um para a vila e outro para os colegas de classe — conta Miller, coordenador do estudo.
5	— Existem estudos dizendo que as redes sociais estão criando igualdade. On-line, talvez. As pessoas estão tendo acesso a smartphones, e isso é incrível, mas nós percebemos que isso não necessariamente causa impacto nas relações entre as pessoas offline — diz Miller. — Então, o que nós aprendemos é que não é possível dizer uma coisa sobre as redes sociais e assumir que isso seja verdade para todas as pessoas. Isso não faz sentido. O que nós temos é a diversidade em todas as partes do mundo.

Fonte: Adaptado do site O Globo (2016)

3.1. Primeira Fase: Pré-análise

Escolha dos documentos: por se tratar de um caso exemplo, procurou-se uma documentação compacta que fizesse referência a um tema de interesse comum. Assim decidiu-se fazer uso de uma entrevista publicada no site do jornal O Globo em março de 2016, onde aborda a diversidade do uso das redes sociais pelo mundo.

Optou-se por esta fonte pelo acesso fácil e por ser um tema atual, devido às suas referências, forma de pesquisa, assunto abordado e credibilidade dos pesquisadores da Universidade de *College London*.

Regras para constituição do *corpus*: não foi possível aplicar em sua totalidade todas as regras por se tratar de um único documento.

Leitura flutuante: pelo fato de ter apenas um documento esta etapa restringiu-se apenas à leitura e interpretação deste único documento.

Definição do objetivo: como pequenas comunidades de países distintos lidam com a tecnologia e se relacionam *on-line*.

Formulação das hipóteses: a diversidade de interesses e diferentes formas de aprendizagem.

Referenciação dos índices e indicadores: por meio do índice, nossa codificação, onde apresenta diferentes indicadores para análise, com maior número de repetições (cinco), a “Diversidade de interesses” aparece como o maior indicador sobre o assunto tratado.

Preparação do material: buscou-se a repetição das palavras dentro da entrevista, a preparação e organização do material fica explícita no Quadro 1.

3.2. Segunda Fase: Exploração do Material

Na segunda fase, da exploração do material, para a realização de cada etapa mostrada no Quadro 2, usou-se alguns conceitos como base, explicitados a seguir.

Definiu-se uma categoria que se torna um conjunto de propriedades e semelhanças que, na perspectiva pessoal, satisfaz uma mesma necessidade.

A codificação se deu em função da repetição das palavras, seus sinônimos e finalidades, vinculada com o propósito explícito no texto.

O texto das entrevistas foi recortado formando as unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupados tematicamente em categorias e subcategorias a fim de possibilitar as inferências sobre o tema.

As subcategorias foram definidas com o agrupamento de vários fragmentos da entrevista, de acordo com assunto convergente entre eles.

As categorias formaram-se a partir da difusão das subcategorias, aglutinadas em função de sua significância.

Por meio desse processo indutivo ou inferencial, para o detalhamento da AC e a construção do Quadro 2, objetivou-se não apenas compreender o sentido da fala dos entrevistados, mas também buscou-se encontrar, se houve outra significação ou outra mensagem através ou ligado à mensagem original (FOSSÁ, 2003).

Com base no método descrito na Seção 2.3.2, a aplicação da etapa de exploração do material da análise de conteúdo é apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 - Quadro de Análise de conteúdo

Tema	Unidade de contexto	Codificação	Subcategoria	Categoria
Redes sociais no mundo	- "...em ocasião nenhuma conseguiria manter vínculo de amizade com uma pessoa do candomblé"	Diversidade de interesses	Relacionamento inter-religioso	Objetivos
	- "...e ao mesmo tempo começou a se relacionar com pessoas de outra religião. "	Interação social		
	- "...esses meninos e meninas leem e escrevem 24 horas por dia, trocando mensagens uns com os outros, e isso é um ganho de conhecimento sem precedentes naquela comunidade"	Comunicação	Comunicação instantânea	
	- "O que nós temos é a diversidade em todas as partes do mundo. "	Diversidade de Interesses	Rede de amizade	
	- "...de como o Twitter mudou a política, o Facebook mudou o nosso entendimento sobre amizade"	Mudanças		
	- "...como a mistura com outros grupos é malvista, eles criam dois perfis distintos nas redes sociais: um para a vila e outro para os colegas de classe"	Interação social		
	- "Na Índia (...) relatos de jovens que foram para a universidade e, lá, se relacionam com pessoas de outras castas"	Diversidade de Interesses	Diferentes comunidades	Aproximação cultural
	- "...manteve o vínculo com a família e com a igreja, que ela preza muito"	Interação social		
	- "O que nós temos é a diversidade em todas as partes do mundo. "	Diversidade de Interesses		
	- "As discussões sobre redes sociais são focadas em dados estatísticos, com análise de mensagens publicadas, mas é preciso conhecer as pessoas que fazem uso dessas redes"	Usuário		
- "Então, o que nós aprendemos é que não é possível dizer uma coisa sobre as redes sociais e assumir que isso seja verdade para todas as pessoas"	Aprendizagem	Mundo on-line e offline		

Tema	Unidade de contexto	Codificação	Subcategoria	Categoria
	- "...existe a preocupação de escrever corretamente, para não virar alvo de piadas"	Aprendizagem		
	- "...recorrem ao Google para saber se uma palavra está certa. "	Aprendizagem		
	- "As pessoas estão tendo acesso a smartphones, e isso é incrível, mas nós percebemos que isso não necessariamente causa impacto nas relações entre as pessoas offline"	Diversidade de Interesses		

Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

3.3. Terceira fase: Tratamento dos Resultados Obtidos e Interpretação

Pode-se interpretar que a internet e as redes sociais são promotoras da igualdade no mundo real, por permitirem a democratização do acesso aos conteúdos, não é verdadeira. Os benefícios para a população de baixa renda são inegáveis, promovendo o acesso ao trabalho e facilitação da comunicação, mas elas não alteraram a exclusão, a segregação social e a opressão *off-line*. No Brasil, por exemplo, funcionários podem ter os mesmos *smartphones* que seus empregadores, mas isso não faz com que se tornem amigos ou se adicionem em redes sociais (DRUM, 2017).

Existem estudos dizendo que as redes sociais estão criando igualdade. *On-line*, talvez. As pessoas estão tendo acesso a *smartphones*, e isso é incrível, mas nós percebemos que isso não necessariamente causa impacto nas relações entre as pessoas *off-line*. Então, o que nós aprendemos é que não é possível dizer uma coisa sobre as redes sociais e assumir que isso seja verdade para todas as pessoas. Isso não faz sentido. O que nós temos é a diversidade em todas as partes do mundo (DRUM, 2017).

4. CONCLUSÃO

Concluiu-se que a AC possui algumas diferenças em sua técnica, até em sua denominação como método ou técnica sobre o assunto, que é variado de autor para autor. Sua aplicação requer um certo conhecimento sobre o material a ser estudado para nortear a análise em determinadas etapas.

Contudo, ainda há uma forte referência à autora Bardin, sendo seus estudos utilizados em grande maioria por outros autores, porém cada um aplica a técnica com suas particularidades.

Conseguiu-se verificar que o objetivo e a hipótese levantados na pesquisa foram atingidos igualmente por meio da AC. Tendo também, conseguido atender o objetivo principal desse artigo em demonstrar um roteiro de aplicação da AC.

Por fim, se seguido o roteiro proposto pelos autores, o resultado da AC nos dá uma visão mais detalhada e profunda do material estudado e sua aplicação se vê em uma quantidade vasta de artigos atualmente de diferentes formas.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977
- BARDIN, Laurence. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011
- CÂMARA, R. H. *Análise de conteúdo : da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações*. Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 6, n. 2, p. 179–191, 2013.
- CAMPOS, C. J. G. *Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 57, n. 5, p. 611–614, 2004.
- CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; KERR PINHEIRO, M. M. *Análise de conteúdo: Considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método*. Informacao e Sociedade, v. 24, n. 1, p. 13–18, 2014.
- CHIZZOTTI, A. (2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8a ed.). São Paulo: Cortez. Clegg, S. R., Hardy, C., & Nord, W. R. (Orgs.). (2001). *Handbook de estudos organizacionais* (Vol. 2). São Paulo: Atlas.
- DRUM, MARLUCI. *As 10 maiores redes sociais – Atualizado, 2017*. Disponível em: <<https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>>. Acesso em: 14 de junho de 2017.
- DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* - São Paulo: Atlas, 2005.
- FLICK, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3a ed., J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed. (Obra original publicada em 1995)
- FOSSÁ, M. I. T. *Proposição de um constructo para análise da cultura de devoção nas empresas familiares e visionárias*. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- FREITAS, H., CUNHA Jr. M.V.M. e MOSCAROLA, J. *Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo*. RAUSP, S. Paulo, v. 32, nº 3, p. 97-109, Jul/Set. 1997.
- KRIPPENDORFF, K. *Content analysis: an introduction to its methodology*. The Sage CommText Series, 1980, 191 p.
- MATSUURA, SÉRGIO. *Pesquisa mostra diversidade do uso das redes sociais pelo mundo, 2016*. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/pesquisa-mostra-diversidade-do-uso-das-redes-sociais-pelo-mundo-18819081>>. Acesso em: 02 de maio de 2017.
- MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MINAYO, M.C.S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. 406 p.
- MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. *Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da Administração: potencial e desafios*. Revista de Administração Contemporânea, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011.
- SILVA, A. H. et al. *Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica*. IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade , p. 1–14, 2013.
- SILVA, C. R. (UFLA); GOBBI, B. C. (UFLA); SIMÃO, A. A. (UFLA). *O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método*. Organizações Rurais & Agroindustriais, v. 7, n. 1, p. 70–81, 2005.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 2, p.161-171, maio 2004.